

A estética afro-brasileira: signos de beleza e pertencimento que atravessam os tempos

A estética africana – compreendendo-se sob este termo várias e diferentes estéticas e Áfricas – caracteriza-se por traduzir e revelar a natureza, o ser humano e o mito de maneira vivencial, sendo antes de tudo uma estética de experimentar, e não apenas apreciar. Assim nascem e formam-se sistemas simbólicos que podemos chamar de o lugar da estética, onde também está o espaço da expressividade de corporais, música, pintura, desenho, dança, canto, palavra, escultura, adornos religiosos, comida, roupa, arquitetura, do próprio corpo e da fé

Quando miramos esses patrimônios do Brasil, olhamos novamente para a diversidade, para a multiculturalidade dos povos africanos, reatando sentimentos afro-islâmicos integrados ao ser português, falando certamente de temas comuns a essa ampla, rica e geral afro-descendência.

Os trânsitos entre o tempo histórico e o tempo mágico dão sentido de identidade ao que se quer nomear de estética de base etnocultural, ou aquela fundada nas longas trajetórias de povos, civilizações e sociedades africanas aqui reorganizados, interculturalmente presentes.

Contudo, um olhar privilegiado para o sagrado legítima manifestações, aproxima sentimentos pessoais e coletivos, buscando nos mitos dos orixás, voduns e inquices, e nos ancestrais divinizados como os eguns e os caboclos, os papéis reguladores dos códigos de ética, moral e gênero – orientando assim linguagens sensíveis e determinando territórios de pertencimento.

Expressivos são os acervos visuais, sonoros, o sabor das comidas, a maneira de fazer do corpo o principal suporte estético, para assim comunicar o sagrado, o trabalho, o poder, a sexualidade, e conquistar o direito à diferença, à alteridade.

Processual, dinâmica e liberta vive aquilo que elegemos como estética afro-brasileira atuante no cotidiano das diferentes regiões do país. O espaço estético afro-brasileiro ou simplesmente afro é marca e

Imagens do final do século XIX, fotografias, relatos e desenhos de documentaristas mostram negras abastadas que ostentavam jóias de ouro e prata. Cordões feitos de bolas trabalhadas, padre-nosso confeitado; rosáceas, cruz palmito, figas de coral, braceletes tipo

Veste camizu rebordado em richelieu e por cima a larga bata; anáguas armadas, farta saia estampada, bordada, de cor única, geralmente com mais de cinco metros. Nos pés, chinelas, em especial o changrim, de ponta virada à mourisca. É assim o que se convencionou chamar de roupa de baiana.

Torço na cabeça, geralmente de pano branco engomado, com as pontas de renda ou bordada complementadas por folhas de arruda ou de são-gongalinho; nas orelhas, brincos como a pitanga ou o barrizinho, ou então argolas de ouro; no pescoço, fios de miçangas, corais, prata, correntões de elos largos, chamados cachoeirano; todos pendendo para as costas, onde se vêem figas, bentiños, contas maiores de louça, de âmbar, dentes encastados, ferramentas dos orixás em prata, latão e cobre.

Esta na mulher um notável espaço patrimonial do que se cria e mantém dos imaginários que se concentram nesse nicho do saber fazer que é a estética afro-brasileira. Além de realizadora e usuária do que faz, a mulher expõe, manifesta publicamente quem é, seu lugar, sua história, tendo com seu corpo o melhor e mais imediato sentimento de comunicabilidade.

Ó penteado, a jóia, o pano, o corpo, o gosto, o cheiro, as escolhas, os ritmos, o som da palavra, o som do instrumento musical, o jeito que é gíngua de cintura, pois temos jogo de cintura, fazem o encharcamento nacional e geral nessa construção permanente do ser brasileiro.

A estética assume papéis de resistência, manutenção de identidades, criação de outras identidades não exclusivamente africanas, mas afro-brasileiras. O belo afro é cultural, nasce do costume, determina o que é identítica, diferencia nos contextos das sociedades globalizadas. Assim, o belo é o alcance da memória e a gênese dessa estética que autêntica nossa tão evidente afro-descendência de povo e civilização.

território aliado ao imaginário sagrado. Não é contido exclusivo das manifestações dos terreiros, das comunidades que vivem para manter elos memoriais e vínculos idealizados entre uma África mítica e uma África criada na diáspora.

Excluído:

resistência, de interação com a sociedade complexa. Marcas do trabalho, marcas das conquistas políticas, marcas dos direitos culturais, marcas de tantos e muitos direitos ainda por conquistar. O lugar, os lugares de expressar os conteúdos do que chamamos de estética afro-brasileira são gerais, não restritos ao terreiro e ao samba, embora terreiro e samba falem de formas de

que é belo, do que é próprio do acúmulo de história. lugares de alteridade, de diferença, de pertencimento, de manifestar o marcas na pele, nos rostos, nos corpos, agora interpretados como comunicação da pessoa. Pois tudo é marca. Revivem-se então as na textura, no significado, na afirmação, na construção, na mundo e se situar no mundo. É o reconhecimento na cor, no material, plural imaginário afro-brasileiro, tradutor de estéticas para falar com o soluções do fazer e do usar que compõem esse tão rico, amplo e integrados a nossos papéis sociais. São tantas formas, maneiras e Vivem-se nas casas, nas ruas, nos terreiros e nas festas, os modos

bronzes, ouro e marfim, entre outros. fantásticas, como também pelo desenho, a pintura, os objetos de ferro, fala pela máscara, as esculturas antropomorfas, zoomorfas e que ela revela a construção da pessoa. Assim, a estética dos cabelos de marcar e destacar cabelos e penteados. Pois está na cabeça e no A estética da cabeça, que dialoga com o corpo, traduz a importância

orgulho do pertencimento. Assim, lembranças das marcas étnicas dos iorubá, fon, ewe, popo, miná, entre outros povos da África ocidental, reconhecidos pelos lanhos faciais, por escarificações, permanecem nas pinturas corporais das iás, novças dos candomblés, remetendo a histórias da África, as presenças, as memórias e tantas e novas marcas ostentadas como o

um magnífico espaço de expressão e poder. de diferentes objetos, na maioria de prata, fazia do corpo da mulher complementando a roupa, na cintura, a penca de balangandãs, molho alaká. Ainda grandes brinços de contas africanas de louça e coral, e branco nos pés; na cabeça torço de tecido nobre, seda, ou mesmo de complementada com abotoamento de ouro, pano-da-costa, changrim de festa. Saia preta plissada, camisa branca de cambrala e bordados, todos os dedos, de pedras e metais preciosos, tudo sobre beca, roupa escrava, em filigrana, medalhões; punhos também de ouro; anéis em

Excluído: de

Excluído: T

A afirmação das identidades/estéticas não é redutível ao lugar esperado ou mesmo ao lugar possível para a afro-descendência. Não é exclusivo do *naïf* e nem da tonalidade popular. Há de ser e de viver essa tão geral e longa experiência, incorporando criatividade e dinâmica que tocam no belo que é o pertencimento.